

ALBERTO MANGUEL

# Todos os homens são mentirosos

*Tradução*

Josely Vianna Baptista



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Alberto Manguel  
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria  
info@schavelzon.com

*Publicado originalmente em outubro de 2008 pela RBA Libros, Barcelona*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Todos los hombres son mentirosos

*Capa*

Nathan Hamilton

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Daniela Medeiros

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Manguel, Alberto

Todos os homens são mentirosos / Alberto Manguel ; tradução  
Josely Vianna Baptista. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2010.

Título original: Todos los hombres son mentirosos.

ISBN 978-85-359-1745-1

1. Ficção canadense (Espanhol) I. Título.

---

10-09139

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em espanhol : 863

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

1. Apologia, 11
2. Muito barulho por nada, 78
3. A fada azul, 107
4. Estudo do medo, 132
5. Fragmentos, 169

# 1. Apologia

*Que verdade é essa que as montanhas limitam e que é mentira no mundo que além delas se estende?*

*Michel de Montaigne, Apologia de Raymond Sebond*

Mas vir falar comigo, logo comigo, de Alejandro Bevilacqua? Meu caro Terradillos, o que posso lhe dizer desse personagem que cruzou minha vida trinta anos atrás? Pois eu mal o conheci ou, se o conheci, conheci-o de maneira superficial. Aliás, para ser franco, eu não quis conhecê-lo de verdade. Quer dizer, eu o conheci bem, confesso, mas de uma forma distraída, a contragosto. Nossa relação (por assim dizer) tinha alguma coisa de cortesia oficial, dessa nostalgia compartilhada e convencional dos expatriados. Não sei se você me entende. O destino nos uniu, como se diz, e se você me obrigar a jurar, com a mão no peito, que éramos amigos, serei forçado a confessar que não tínhamos nada em comum, a não ser as palavras *República Argentina* gravadas em letras douradas no passaporte.

É a morte desse homem que o atrai, Terradillos? É a visão, essa que continua alimentando meus pesadelos, embora eu não a tenha visto com meus próprios olhos, de Bevilacqua caído na calçada, o crânio destroçado, o sangue escorrendo rua abaixo até o bueiro, como se quisesse fugir do corpo inerte, como se não quisesse fazer parte desse crime abominável, desse final tão injusto, tão inesperado? É isso que você está procurando?

Permita-me duvidar disso. Não um jornalista apaixonado pela vida, como você. Não alguém que é pau para toda obra, como eu o definiria. Você, Terradillos, não é um autor de necrológicos. Ao contrário. Você, questionador do mundo, quer conhecer os fatos vitais. Quer narrá-los para seus leitores, para esses poucos que se interessam por um artífice como Bevilacqua, cujas raízes um dia revolveram a região de Poitou-Charentes. Que é a sua, também, Terradillos, não vamos nos esquecer disso. Você quer que esses leitores conheçam a verdade, conceito perigoso, se é que um dia existiu. Você quer redimir Bevilacqua em seu túmulo. Você quer dar a Bevilacqua uma nova biografia urdida com pormenores baseados em lembranças reconstruídas com palavras. E tudo isso pela mísera razão de que a mãe de Bevilacqua nasceu no mesmo canto do mundo que você. Que empresa vã, meu amigo! Quer um conselho? Dedique-se a outros personagens, a heróis mais coloridos, a celebridades mais chamativas das quais Poitou-Charentes pode se orgulhar de verdade, como aquele mariquinhas heterossexual, o oficial da marinha Pierre Loti, ou aquele mimado das universidades ianques, o careca Michel Foucault. Esse é o meu conselho. Você, Terradillos, sabe redigir crônicas sábias; escute o que lhe digo, que dessas coisas eu entendo. Não perca seu tempo com nebulosidades, com as lembranças confusas de um velho rabugento.

E pergunto de novo: por que eu?

Vejamos. Meu local de nascimento foi uma das tantas esca-

las do prolongado êxodo de uma família judia, das estepes asiáticas para as estepes sul-americanas; já os Bevilacqua chegaram diretinho de Bérgamo, no final do século XVIII, ao local que depois se chamaria Província de Santa Fe. Na colônia distante, esses antepassados italianos e aventureiros instalaram um matadouro; para comemorar a façanha sangrenta, em 1923 o prefeito de Venado Tuerto deu o nome de Bevilacqua a uma das ruazinhas menos burguesas da zona sul. Bevilacqua *père* conheceu aquela que se tornaria sua mulher, Marieta Guittón, numa churrascada patriótica; casaram-se poucos meses depois. Quando Alejandro fez um ano, seus pais faleceram no acidente ferroviário de 1939, e a avó paterna resolveu levar a criança para a capital da República. Lá, no bairro de Belgrano, abriu uma *delicatessen*. Bevilacqua (que, como você deve saber, tinha a irritante virtude de ser meticulosamente detalhista) me explicou que nem sempre a família trabalhara com embutidos e frios, e que séculos atrás, lá na Itália, um Bevilacqua fora cirurgião na corte de algum cardeal ou bispo. Orgulhosa daquelas raízes vagas e distintas, a sra. Bevilacqua (que preferiu, sempre, ignorar os ramos huguenotes da família Guittón) era o que chamávamos, em minha juventude, de uma papa-hóstias, e acho que, até o infarto que a deixou inválida, não faltou à missa nem um único dia de sua septuagenária vida.

Você, amigo Terradillos, acha que eu posso pintar um retrato sensível, ardente e fidedigno de Bevilacqua, que você verá na página com essas qualidades, dando-lhe, de quebra, algumas pinceladas de cor poitevina. Mas é justamente isso que não posso fazer. Certo, Bevilacqua se abria comigo, revelava-me os detalhes mais pessoais de sua vida, enchia minha cabeça com pormenores íntimos, mas, verdade seja dita, eu nunca entendi por que Bevilacqua me contava todas essas coisas. Garanto que eu não fazia nada para incentivá-lo. Ao contrário. Mas talvez por

imaginar em mim, seu concidadão, uma solicitude inexistente, ou por ter decidido chamar de sobriedade sentimental minha óbvia falta de afeto, o fato é que ele me aparecia em casa a todo instante do dia e da noite, e não parecia perceber que o trabalho me pressionava, e que eu precisava ganhar a vida, e começava a falar do passado como se o fluxo de palavras, de *suas* palavras, recriasse toda uma realidade que ele sabia ou sentia, apesar de tudo, estar irremediavelmente perdida. Em vão eu tentava convencê-lo de que eu não era um exilado; de que com dez anos a menos do que ele eu partira da Argentina quase adolescente e a fim de viajar; de que, depois de lançar raízes tímidas em Poitiers, eu me instalara por um tempinho em Madri para escrever tranquilo, apesar do inevitável ressentimento dos argentinos contra a capital da Mãe Pátria, sem, portanto, resignar-me ao clichê de morar em San Sebastián ou Barcelona.

Não leve a mal meus comentários: Bevilacqua não era um desses mal-educados que sentam no sofá e depois você não consegue desgrudá-los dali nem com benzina. Ao contrário. Era uma dessas pessoas que parecem incapazes da menor grosseria, e era essa mesma qualidade que tornava tão difícil pedir a ele que fosse embora. Bevilacqua tinha uma espécie de graça natural, uma elegância simples, uma presença anônima. Magro e alto como era, movia-se lentamente, como uma girafa. Sua voz era ao mesmo tempo rouca e tranquilizadora. Seus olhos túrgidos, latinos, eu diria, davam-lhe um ar sonolento e se fixavam na gente de tal maneira que era impossível olhar para outro lugar quando ele falava. E quando estendia seus dedos finos, amarelos de nicotina, para segurar a manga de seu interlocutor, era preciso deixar-se segurar, sabendo ser inútil qualquer resistência. Só na hora da despedida eu percebia que ele me fizera perder a tarde inteira.

Talvez uma das razões de Bevilacqua sentir-se tão à vontade

na Espanha, principalmente naqueles anos ainda cinzentos, era que sua imaginação parecia estar sempre ligada não à realidade concreta, mas à aparente. Na Espanha, não sei se concorda comigo, tudo quer se render à evidência: em cada edifício se põe um letreiro, em cada monumento sua placa. Claro que os conhecedores autênticos sabem que uma cidade-aldeia como Madri é outra coisa, oculta, velada; que as placas são falsas e o que os turistas veem é apenas *mise-en-scène*. Mas por algum motivo estranho as sombras que seus olhos lhe revelavam tinham para ele uma virtude maior que a de sua memória ou a de seus sonhos, e embora ele tivesse sofrido, década após década, as falsificações da política e os embustes da imprensa em nossa terra natal, acreditava com uma fé surpreendente nas falsificações da imprensa e nos embustes da política de sua terra de adoção, argumentando que aquelas eram mentiras, e estes fatos verdadeiros.

Veja se me entende: Bevilacqua diferenciava o falso verdadeiro do verdadeiro falso, e o primeiro lhe parecia mais real. Você sabia que ele adorava documentários, quanto mais áridos melhor? Antes de saber que estava publicando um romance, eu jamais teria imaginado que ele tivesse talento para escrever ficção, pois era a única pessoa que eu conhecia capaz de passar uma noite vendo um desses filmes que contam a vida num frigorífico das Astúrias ou num sanatório de Algámitas.

Agora, não pense que eu não tinha apreço por ele. Bevilacqua era — usemos *le mot juste* — um sujeito sincero. Se dava sua palavra, a gente se sentia obrigado a acreditar nele, e não passava pela cabeça de ninguém que seu gesto pudesse ser vazio ou convencional. Tinha o porte de certos homens que eu via em Buenos Aires quando menino, trajados com um terno transpassado, magros como um palito, o cabelo preto com brilhantina sob o chapéu do *shabat*, que às sextas-feiras de manhã cumprimentavam minha mãe a caminho do mercado; homens (segundo mi-



nha mãe, que conhecia o assunto) de línguas tão limpas que a gente podia saber se uma moeda era ou não de prata colocando-a em sua boca: se era falsa, ficava preta ao mero contato com a saliva. Acho que minha mãe, sempre tão severa em seus julgamentos, teria dado uma olhada em Bevilacqua e o declararia um *Mensch*. Pois ele tinha um quê de cavalheiro de província, o Alejandro Bevilacqua, uma certa calma e uma falta de curiosidade que fazia com que moderássemos as piadas em sua presença e tentássemos contar causos com a maior exatidão. Não que faltasse imaginação ao homem, mas ele não tinha talento para a fantasia. Como o apóstolo são Tomé, insistia em tocar uma aparição antes de acreditar nela.

Por isso fiquei tão surpreso quando ele apareceu em minha casa uma noite e me contou que tinha visto um fantasma.

Pois bem. As inumeráveis manhãs, tardes e noites que passei ouvindo Bevilacqua entoar passagens áridas de sua vida, vendo-o fumar, um atrás do outro, os cigarros encaixados entre dois longos dedos cor de âmbar, vendo-o cruzar e descruzar as pernas para de repente pôr-se de pé e dar grandes passadas pelo meu quarto, transformam-se em minha lembrança num dia único, monstruoso, habitado exclusivamente por esse homem esquelético e cinzento. Minha memória, cada vez mais dada a lapsos, é ao mesmo tempo precisa e imprecisa. Quer dizer, ela não consiste num tecido de lembranças nítidas, mas num acúmulo de muitas lembranças minuciosamente confusas, contaminadas, digamos, de literatura. Acho que estou me lembrando de Bevilacqua, e me vêm à mente retratos de Camus, de Boris Vian...

Agora tenho em comum com aquele Bevilacqua, se não o corpo esquelético, decerto o tom grisalho. E eu também, inconcebivelmente, envelheci, fiquei barrigudo; já ele continua tendo a idade de quando o conheci, aquela que hoje ainda chamamos de idade jovem e que na época se chamava de madura. Pois

bem, eu continuei a leitura daquela narrativa que iniciamos juntos, ou que Bevilacqua iniciou numa Argentina que já não é nossa. Conheço os capítulos que sucederam sua morte (ia dizer “desaparecimento”, mas essa palavra, meu caro Terradillos, está proibida para nós). Ele não, claro. Quero dizer que sua história, essa que ele teceu e desteceu tantas vezes, agora é minha. Eu decidirei seu destino, eu darei sentido a seu itinerário. Essa é a missão do sobrevivente: contar, recriar, inventar, por que não?, a história alheia. Pegue um punhado qualquer de fatos da vida de um homem, distribua-os como quiser, e você terá ali um certo personagem, de uma verossimilhança incontestável. Distribua-os de maneira um tantinho diferente e, caramba!, o personagem mudou, é outro, mas igualmente verdadeiro. Tudo o que posso dizer é que vou lhe contar a vida de Alejandro Bevilacqua com o mesmo cuidado com que eu gostaria que meu narrador, chegada a hora, relatasse a minha.

Pois não se trata, aqui, de fazer um autorretrato. Não é Alberto Manguel quem lhe interessa. Mas uma breve incursão por esse afluente será necessária, para depois poder navegar com mais sucesso no rio principal. Prometo que não vou me demorar em minhas margens nem farei um arrastão em meu fundo. Mas preciso lhe explicar certos fatos compartilhados e para isso algum aparte será inevitável.

Acho que uma vez que você me entrevistou, Terradillos, eu lhe contei como foi que vim morar em Madri em meados dos anos 1970, instalando-me em dois cômodos minúsculos no alto da Calle del Prado, usufruindo de uma bolsa americana e dessa saúde que só se tem antes dos trinta. Lá, acredite se quiser, passei quase um ano e meio, e então fugi, depois do ocorrido, para refugiar-me aqui, em Poitiers. Na época você me perguntou por que Poitiers. Respondo agora: para não ficar em Madri, cidade para mim contaminada pela sombra de Alejandro Bevilacqua.